

# Os contextos de mudança de SNLoc atributiva: um estudo de construcionalização lexical no português

Milena Torres de Aguiar<sup>a</sup>

## Resumo

*Baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), buscamos estudar a construção SNLoc atributiva no português contemporâneo, a qual resulta da forte integração de suas subpartes: SN e pronomes adverbial locativo. Numa perspectiva pancrônica, tomamos como base o Corpus do Português, para a análise de sincronias passadas, e o Corpus Discurso & Gramática, para os usos do século XX. Por meio desses corpora, realizamos um estudo prioritariamente qualitativo, a fim de comprovar a hipótese de que SNLoc atributiva é um membro marginal da classe dos nomes do português, resultante de construcionalização lexical. A mudança linguística de que decorre tal esquema se inicia em contextos atípicos, nos usos dêiticos mais referenciais, como os dêiticos físicos (“quando eu tinha três anos... eu cá... aí tá até a cicatriz aqui...”) e os dêiticos catafóricos (“eu pretendo fazer **um outro curso aí na universidade**”). Por meio de usos dêiticos anafóricos (“tem uma passagem assim maneira da cozinha pra sala... com um balcãozinho... que a gente vai fazer **um bar ali**”) e dêiticos virtuais (“bota o óleo... aí vai... bota a galinha... aí deixa **a galinha lá**...”), que configuram contextos críticos, com ambiguidades de sentido e forma, chega-se à construção SNLoc atributiva, em um contexto de isolamento. São casos como: “daí começaram a correr ... a correr ... a correr e o homem atrás dele ... daí depois ... ele pegou **uma moça lá** toda doida ...”. Forma-se um novo esquema construcional da língua, no nível do léxico, assumindo um sentido de imprecisão e indefinição, distinto do original.*

**Palavras-chave:** SNLoc. Construção Atributiva. Construcionalização Lexical. Contextos de mudança. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Recebido em: 29/02/2020

Aceito em: 08/05/2020

<sup>a</sup> Faculdade de Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio Janeiro. Contato: milenatda@yahoo.com.br.

## Introdução

O tema de nossa pesquisa se relaciona à construção SNLoc atributiva em uso recorrente no português contemporâneo. Tal construção resulta da forte integração de suas subpartes: Sintagma Nominal (doravante SN) e pronome adverbial locativo. Os locativos, comumente chamados pelas gramáticas tradicionais (GTs) de adjuntos adverbiais de lugar, são integrantes de um conjunto marginal<sup>1</sup> dentro de uma categoria fluida e apresentam uma ampla mobilidade na oração; por isso, são interpretados como itens com maior liberdade, mais autônomos em relação aos outros pronomes adverbiais.

Por atuarem de forma mais livre em relação à posição dentro da sentença, os locativos têm aparecido não somente caracterizando um verbo, adjetivo, advérbio ou oração, conforme proposto pela tradição gramatical, mas também unidos a nomes. E é exatamente na posição posposta ao SN, posição não arrolada pelas GTs, que encontramos os locativos na interação verbal cotidiana, chamando nossa atenção para o estudo. Assim, analisamos os locativos que, por meio de uma pesquisa piloto em nossos dados, se configuram como os mais recrutados pela comunidade linguística: *aí*, *lá*, *aqui* e *ali*, os quais, unidos a um SN, constituem o arranjo SNLoc. É possível identificar que, em sincronia mais atual, do século XX, os falantes têm à disposição dois esquemas<sup>2</sup> distintos de SNLoc para uso: SNLoc dêitico e SNLoc atributivo.

Como lidamos com padrões de uso não listados nas GTs, mas frequentemente instanciados nas interações cotidianas, estamos apoiados nas premissas da *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU), vertente que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas. Intencionamos, assim, realizar um estudo que busque, na interlocução, o uso investigado e proponha compreender os mecanismos cognitivos e comunicativos que levam ao surgimento de novos usos.

Por uma pesquisa pancrônica, analisando dados diacrônicos disponíveis no *Corpus* do Português e dados sincrônicos do *Corpus* Discurso & Gramática, realizamos uma pesquisa prioritariamente qualitativa, mas também quantitativa, dos usos de SNLoc desde o século XIV até o século XX.

<sup>1</sup>“Marginal” no sentido de estar à margem; não ser o mais prototípico de sua categoria.

<sup>2</sup>Quando nos referimos a *esquema*, estamos compreendendo esse conceito como uma abstração, uma virtualidade, do mesmo modo como entendem Traugott e Trousdale (2013).

A fim de analisar os usos dêiticos de SNLoc, baseamos-nos nos trabalhos de Bühler (1934, 1990) e constatamos que existem diversos modos de *apontar*: demonstrando fisicamente, que seria uma dêixis mais concreta, a definição primária de dêixis; *apontando* para um lugar do texto, que seria a dêixis fórica, concebida como um espaço linear do enunciado; e *apontando* para algo da imaginação dos interlocutores, sem a presença física do ser apontado, que seria a dêixis virtual. Portanto, consideramos a dêixis como uma categoria mais ampla, a qual abarca a dêixis física, a fórica – catafórica e anafórica – e a virtual. Tais padrões dêiticos foram encontrados em todas as sincronias, desde o século XIV, nos dois *corpora* investigados e configuram-se como os usos mais originais de SNLoc.

Assim, admitimos que o uso do locativo posposto a um SN em contextos específicos como um *chunk* (Bybee, 2010), um bloco, distante do constituinte verbal, constitui a construção SNLoc dêitica, um arranjo prototipicamente lexical, em que SN e Loc têm propriedades de suas respectivas categorias fonte - nome e pronome adverbial locativo -, como atestamos em (01), por exemplo:

- (01) “aí eu cheguei e disse ‘sim... mas **aquele colega ali** não:’ comecei a apontar pra cara das pessoas... que meu estado de nervo era tanto...” (D&G – Lisandra – 23 anos – NEP oral – RG – século XX)

Apesar de não referendada pelas gramáticas normativas, as quais só atestam os contextos típicos do locativo (modificando um verbo, um adjetivo, um advérbio ou uma oração inteira), tal construção é encontrada em registros de sincronias mais antigas.

Assim, supomos que se inicia uma trajetória de mudança construcional de SNLoc com base em contextos ainda não previstos, os contextos atípicos (DIEWALD, 2002), com a dêixis física e a catafórica, que são os usos dêiticos mais referenciais e concretos. Os usos dêiticos anafóricos e virtuais configuram-se como contextos críticos (DIEWALD, 2002), pois com esses usos surgem as primeiras ambiguidades de sentido e forma, sugerindo várias interpretações alternativas, entre elas, o

novo sentido mais abstratizado. E entendemos que é via esse contexto de ambiguidade que se desenvolve, na língua, um contexto de isolamento (DIEWALD, 2002) – contexto em que o novo sentido é isolado como distinto do mais antigo –, em que há um uso clítico<sup>3</sup> do locativo escopando o SN e atribuindo-lhe alguma especificação, funcionando, assim, como seu atributo. Essa configuração de sentido e forma motiva a nomeação da construção mais recente na língua de SNLoc atributiva.

Dessa forma, presumimos que se cumpre a trajetória dêixis > cliticização do locativo na construção SNLoc, partindo dos apontamentos físicos, fóricos e virtuais, chegando a assumir uma função clítica, em um uso eminentemente construcional. Assim, nosso objeto de análise é o uso mais recente do locativo posposto ao SN, que, na construção SNLoc mais entrincheirada, assume uma função clítica, dependente desse SN anterior, com um sentido já distanciado da ideia de lugar própria dos pronomes adverbiais locativos dêiticos. Por construção, entendemos o pareamento forma e sentido, segundo Croft (2001).

Nesse novo arranjo, atestado apenas na sincronia do século XX, o locativo assume uma semântica de imprecisão e indefinição. Vejamos:

- (02) aí agora não ... só tô ... sei lá com tratamento que é ... já tá acabando ... que é **uma vacina lá** ... e no final do ano ... fazer o que ... sei lá ... fazer até uma ... uma operação pra tirar o desvio ( ) nasal ... (D&G – Vladimir – 14 anos – NEP oral – Natal – século XX)

Com esse exemplo, compreendemos que, ao dizer “*uma vacina lá*”, o usuário da língua demonstra, subjetivamente, que não sabe informar com precisão sobre a vacina sobre a qual comenta. Nesse caso, observamos que se trata de uma vacina qualquer em um contexto de desconhecimento do falante a respeito do que diz. O SN contém, como determinante, um artigo indefinido, e como núcleo, um substantivo genérico mais abstrato, os quais contribuem com a semântica de imprecisão.

Consideramos que esse novo esquema SNLoc atributivo é um membro marginal da classe dos nomes do português e se origina da construção SNLoc dêitica por construcionalização

<sup>3</sup> Como clítico na construção SNLoc, entendemos o locativo como um morfema gramatical que atua sintagmaticamente e está preso fonologicamente ao SN a que sucede.

lexical, já que, por meio dos estágios de mudança, surge uma construção *principalmente* de conteúdo. Defendemos que essa construção mais recente é, conforme Croft (2001), um novo par forma e sentido que passou por uma trajetória de abstratização, resultando em uma construção mais entrincheirada no nível do léxico.

Dessa maneira, este trabalho objetiva descrever os contextos de mudança de SNLoc e atestar sua construcionalização lexical, a partir de textos de séculos passados no *Corpus* do Português e *corpora* sincrônicos no *Corpus* Discurso & Gramática. Do *Corpus* do Português, analisamos todos os textos escritos disponíveis em que havia registro de SNLoc; do *Corpus* Discurso & Gramática, analisamos os usos de SNLoc nos cinco tipos de textos de todo o *corpus* – narrativa de experiência pessoal e recontada, descrição de local, relato de opinião e de procedimento – nas modalidades oral e escrita, por acreditarmos que SNLoc ocorreria em todos eles. Entretanto, nossa expectativa em relação aos textos escritos do *Corpus* Discurso & Gramática não foi confirmada, e, para atestar a construcionalização de SNLoc, investigamos, nos textos escritos do século XX do *Corpus* do Português, a construção SNLoc atributiva, nosso principal foco nesta pesquisa.

Na próxima seção, apresentamos a teoria que nos embasa neste estudo, a Linguística Funcional Centrada no Uso; na seção seguinte, a análise dos nossos dados e, por fim, as considerações finais.

### 1. A Linguística Funcional Centrada no Uso

De acordo com a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), corrente de estudo que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, a gramática da língua é compreendida como o resultado da cristalização ou regularização de estratégias discursivas rotineiras que surgem de pressões cognitivas e de uso. Dessa forma, os campos da sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, pragmática e discurso são relacionados e interdependentes.

A abordagem da LFCU é o resultado do que vem sendo desenvolvido por representantes da Linguística Funcional, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace

Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros, e representantes da Linguística Cognitiva, como George Lakoff, Ronald Langacker, Gilles Fauconnier, Adele Goldberg, John Taylor, William Croft, para citar só alguns.

Integrando sincronia e diacronia, essa teoria admite que as línguas, enquanto usadas, estão em contínua e gradual mudança, a qual é atribuída à forma como os processos cognitivos se aplicam ao uso. Já que a mudança é gradual, as categorias são variáveis, constituindo um gradiente, e a estrutura linguística é vista como emergente, pois está se moldando em contextos de uso específicos.

O entendimento de que o sistema linguístico sofre constante renovação é notado quando surgem novas funções para formas já existentes e vice-versa. Trata-se de um processo de mudança contextual, envolvendo não apenas um único item, mas também uma construção em contextos pragmáticos específicos. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 1):

Construções são convencionais na medida em que são compartilhadas entre um grupo de falantes. Elas são simbólicas na medida em que são signos, tipicamente associações arbitrárias de forma e significado. E elas são unidades na medida em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que o signo é entrincheirado como um par forma-sentido na mente do usuário da língua.

Croft (2001) afirma que construções são unidades simbólicas concebidas pela correspondência entre forma e sentido (convencional). A forma integra propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; já o sentido engloba propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Para Bybee (2013), é relevante perceber que as construções estão sujeitas a alto nível de repetição, o qual é responsável por sua convencionalização e seus graus de entrincheiramento e armazenamento. Segundo Traugott e Trousdale (2013), é problemático estabelecer qual nível de frequência é suficiente para tal padrão de armazenamento e entrincheiramento, pois a pesquisa histórica possui um registro textual quase sempre mínimo. Portanto, os autores associam “frequência suficiente” à replicação e convencionalização no registro textual.

Quando há entrincheiramento e armazenamento, há fixação da nova construção na gramática da língua, ocorrendo, então, uma perda gradual das associações semânticas e formais do contexto-fonte, inicial. Logo, ganha-se em frequência de uso e perde-se em iconicidade<sup>4</sup>, tornando-se, até certo ponto, arbitrário, de modo que não precisamos mais analisar cada palavra isoladamente.

Traugott (2008) aponta que as mudanças emergem do uso que se faz da construção. Trata-se de estratégia baseada em analogia exemplar, o que exige a ocorrência de muitas neoanálises locais. Assim, em certos contextos de interação, a ambiguidade que pode surgir no uso de alguma construção induz os falantes a interpretá-la de diferentes maneiras, criando novas relações entre as palavras da língua e a construção. Esse processo implica mudança categorial e, segundo Langacker (1977), é uma reformulação sintático-semântica.

Já o mecanismo da analogia é baseado em um exemplar, pois com uma construção considerada exemplar – por reunir mais características de uma determinada categoria –, as outras surgem por analogia no uso e passam a fazer parte do esquema.

Goldberg (2003) afirma que todo o nosso conhecimento da língua é capturado por uma rede de construções. Segundo a autora, “construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares.” (GOLDBERG, 1995, p. 67). Nesse sentido, cada construção constitui um nó em uma rede construcional, e cada novo nó pode herdar as propriedades de seus nós dominantes através de *links* de herança.

Mudanças na rede de uma comunidade se desenvolvem por meio de do compartilhamento de pequenas inovações que ocorrem em instâncias individuais na interação. Se modificações no sentido ou na forma são replicadas em dados atestados, conclui-se que as inovações foram adotadas por outros falantes numa rede social. Assim, a inovação nas mentes individuais leva a mudanças convencionalizadas em mais de uma rede mental individual. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), ocorre a construcionalização, ou seja, a criação de signos de forma<sub>nova</sub> - sentido<sub>novo</sub>, com nova sintaxe ou morfologia e um novo sentido codificado na rede linguística de uma população de falantes.

<sup>4</sup> Segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), o princípio da *iconicidade* diz respeito à motivação na relação entre o plano da expressão e o do conteúdo. Supõe-se que a forma da língua deve refletir a função que exerce ou ser restringida por ela. Sendo assim, a codificação morfossintática é, em sua maioria, resultado do uso da língua, das experiências dos falantes.

Traugott e Trousdale (2013) destacam dois tipos principais de construcionalização: construcionalização gramatical e construcionalização lexical. Nesta última, que nos interessa, uma sucessão de mudanças no sentido e na forma origina uma nova forma de conteúdo semanticamente não composicional e é espalhada por uma população de falantes. Assim, um composto se torna uma nova unidade simbólica convencional de conteúdo, com nova semântica e morfossintaxe.

Após trazermos alguns pressupostos da LFCU, podemos afirmar que nossa pesquisa está fundamentada nessa teoria, já que analisamos os contextos de mudança de SNLoc que resultaram na construção SNLoc atributiva – uma unidade simbólica concebida por um elo entre forma e sentido – em uso recorrente no português contemporâneo. Consideramos SNLoc atributiva um novo nó na rede construcional SNLoc, a qual conta, nesta sincronia, também com a construção SNLoc dêitica. Buscamos perceber como a construção SNLoc, com o passar dos séculos, veio a ser utilizada com determinada finalidade em contextos pragmáticos específicos e quais os mecanismos cognitivos possibilitaram esse uso tão corriqueiro.

Na próxima seção, referente à análise dos dados, apresentamos, de forma detalhada, como os contextos de mudança de Diewald (2002) se aplicam ao nosso estudo. Entretanto, inicialmente, uma importante observação deve ser feita: esses contextos foram pensados pela autora como estágios de gramaticalização<sup>5</sup>. Unimos o trabalho de Diewald (2002) a uma proposta sobre os micropassos da mudança construcional e construcionalização, segundo Traugott e Trousdale (2013), por constatarmos que tal pesquisa cabe no viés da construcionalização e relações podem ser feitas entre seu trabalho, o de Traugott e Trousdale (2013) e a nossa pesquisa.

## 2. Análise dos dados

Como já ressaltado, lidamos com SNLoc, uma construção constituída por duas subpartes: Sintagma Nominal (SN) e Locativo (Loc). Sobre o SN, privilegiamos aquele que tem como núcleo um substantivo ou pronome substantivo, acompanhado de determinantes e/ou modificadores. Além disso, destacamos que os SNs por nós investigados podem designar um lugar,

<sup>5</sup> Entre os muitos processos de mudança linguística, a gramaticalização sempre foi considerada um dos mais recorrentes ao se observar as línguas em geral. “A gramaticalização se instaura no momento em que uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada.” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 16)

uma pessoa, um evento, uma entidade concreta ou abstrata, um animal, enfim, tudo que possa sofrer algum tipo de referência e receber uma caracterização do pronome adverbial locativo. Sobre esse último, analisamos os quatro mais recrutados em nossa língua: *aí*, *lá*, *aqui* e *ali*.

Consideramos que SNLoc passa por uma trajetória de mudança na língua que vai da dêixis à cliticização. Quando o locativo passa a atuar como clítico, no estágio mais abstratizado, dependente do SN anterior, forma-se a construção SNLoc atributiva, um novo pareamento de sentido e forma, segundo Croft (2001). Esse uso construcional SNLoc atributivo é, então, resultado de construcionalização lexical, nosso objeto de estudo.

Por meio da pesquisa diacrônica, com os dados do *Corpus* do Português, e sincrônica, com os do *Corpus* D&G, apresentamos, nas próximas subseções, os contextos de mudança de SNLoc – contexto atípico, crítico e de isolamento, baseados em Diewald (2002).

Cabe ressaltar que Traugott (2012), ao se referir ao trabalho de Diewald (2002) sobre tais contextos de mudança, destaca a possibilidade de um estágio zero, que seria o contexto típico, já que Diewald (2002) inicia a trajetória com os contextos atípicos. Adequando o contexto típico proposto por Traugott (2012) à nossa pesquisa, apontamos que nele estariam os usos do pronome adverbial conforme prescrevem as gramáticas tradicionais da língua – modificando um verbo, um adjetivo, um advérbio e uma oração inteira –, e não como lidamos em nossa pesquisa, em que o locativo se encontra posposto a um sintagma nominal. Os usos típicos são normatizados e há um consenso sobre essa função e posição dos advérbios. Exemplo: “*Fique aqui, João!*”

### 2.1. Contexto atípico

Como vimos, as gramáticas tradicionais registram o uso dos pronomes adverbiais, inclusive dos locativos, modificando um verbo, um adjetivo, um advérbio ou uma oração inteira. Esses usos previstos pelas gramáticas são localizados na modalidade escrita de nossa língua, já convencionalizados. Entretanto, enquanto funcionalistas falantes da língua

portuguesa, lidamos com a língua em uso e observamos, na interação cotidiana, os locativos atuando em uma posição não referendada por nossos gramáticos, a posição posposta a um SN. Os pronomes adverbiais locativos unidos ao SN anterior como uma construção SNLoc é registrada a partir do século XIV nos *corpora* de que dispomos, mas tal configuração sintático-semântica não é normatizada.

Assim, encontramos, em nosso *corpus* diacrônico, usos de SNLoc em suas funções mais iniciais, como as dêiticas. Consideramos os padrões dêíticos de SNLoc um contexto atípico, segundo Diewald (2002), uma vez que se trata de uma expansão da construção para um contexto ainda não previsto. Entretanto, como já apontado, compreendemos a dêixis em um sentido amplo – abrangendo a dêixis física, a catafórica, a anafórica e a virtual – e, neste estágio I, de contexto atípico, reconhecemos a **dêixis física** e a **dêixis catafórica** como representantes, pois são os sentidos dêíticos mais concretos e que, muitas vezes, se relacionam. Esses usos são os considerados “normais”, referenciais de SNLoc, em que há exclusivamente um apontamento. A diferença entre SNLoc dêitica física e SNLoc dêitica catafórica é que a primeira se refere a um apontamento para algo do espaço real, e a segunda, um apontamento para o espaço textual, para o que vem em seguida à construção no texto. Ambas são o início dos estágios de mudança, como vemos em (03) e (04), em que temos SNLoc dêitica física e SNLoc dêitica catafórica, respectivamente:

- (03) Vijnda he a hora que qualquer que vos matar: estimara fazer a deos sacrificio ã **todas estas cousas aquy** postas në a morte scilicet o temor da morte nem ayuda scilicet o amor da vida në os anjos bayxos. (CP – Euangelhos e epistolas con suas exposições en romãce – Gonçalo Garcia de Santa Maria – século XV)
- (04) Que vem sobre saudade vem sobre grand cuydado vem sobre sser desesperado. O veludo que te çestes no tear que daa **cuydado laa nos lyços** lhe metestes hũa esperança que destes o galante nam orado. (CP – Cancioneiro de Resende – Garcia de Resende – século XVI)

Afirmamos que são usos mais concretos, por ser nítido o apontamento que ambos os dados fazem; há um sentido espacial nos dois padrões. Além disso, são também relacionados, porque o sentido de mostração é o mesmo em (03) e (04), sendo a referência após o locativo o que torna (04) catafórico. Se colocássemos uma referência após “*aquy*” em (03), teríamos um uso dêitico catafórico da mesma maneira.

Ao estudar, de forma pormenorizada, cada um dos dois padrões pertencentes ao contexto atípico, constatamos que SNLoc dêitica física localiza e identifica os objetos, as pessoas, as atividades, os eventos e processos em relação ao contexto de espaço, tempo e pessoa mantidos durante a enunciação. Em (03), por exemplo, “*todas estas cousas aquy*” aponta para o papel em que o emissor escreve. Dessa forma, a dêixis física ocorre como se apontássemos para algum ponto, para mostrar algo ao nosso interlocutor.

A dêixis catafórica, que também faz parte dos estágios iniciais de mudança, realiza uma indicação de ordem textual, ou seja, o locativo em SNLoc faz menção ao lugar posterior a ele, introduzindo uma informação nova e buscando sua referência no contexto seguinte. Nessa dêixis catafórica, há uma imprecisão referencial, em que o locativo não parece ser capaz de mostrar o lugar de onde fala e o usuário da língua, para se fazer melhor compreendido, utiliza ao lado do locativo a referência a que tal locativo faz. Evidencia-se esse uso da dêixis catafórica em casos como (04) explicitado anteriormente, em que *a cuydado laa* aponta para a referência posterior “*nos lyços*”.

Constatamos que SN e Loc eram dois nós na rede, tinham seus usos de forma isolada na língua. Entretanto, ao colocarmos o Loc em uma posição posposta ao SN para desempenhar uma nova função, com a combinação passando a ter um uso repetido, forma-se um *chunk*, de acordo com Bybee (2010). Assim, os dois pareamentos individuais forma-sentido de SN e Loc eventualmente vieram a ser percebidos pelos interlocutores como um nó simples: SNLoc, um arranjo prototipicamente lexical, em que SN e Loc têm propriedades de suas respectivas categorias-fonte: nome e advérbio. Esse é o início da trajetória de mudança, o estágio I de Diewald (2002), chamado “contexto atípico”, em que a construção SNLoc dêitica física e a dêitica catafórica são as representantes.

## 2.2. Contexto crítico

Como exposto, o novo arranjo SNLoc, não previsto pela norma da língua, inicia sua trajetória de mudança por meio de contextos atípicos, como dêitico físico e dêitico catafórico, ambos apontamentos concretos, sendo o primeiro para algo real do espaço, e o segundo, um apontamento para algo do texto, que vem em seguida à construção SNLoc. São usos em que visivelmente observamos tais apontamentos, não restando ambiguidades.

Por outro lado, no contexto crítico, surge um tipo particular de contexto, que é caracterizado por inúmeras ambiguidades estruturais e semânticas, sugerindo assim várias interpretações alternativas, entre elas o novo significado gramatical. Observamos os usos **dêiticos anafóricos** e **dêiticos virtuais** de SNLoc como atuantes nesse II estágio de mudança, segundo Diewald (2002). Vejamos os exemplos (05) e (06) que ilustram esses usos dêiticos, respectivamente:

- (05) E: e como é o Campo de São Bento? o que tem lá?  
I: um monte de brinquedos... [ahn] ahn:... tem um lugar (ê) que tem um patinho... peixinho... e (sei lá) tem:... eh... **uns campinhos lá**... e tem um monte de laguinho... e:... tem tudo... (D&G - Aline - 7 anos - DL oral - Niterói - século XX)
- (06) I: ah... e depois que ficar pronto você coloca... com manteiga... com Karo... com mel... eu uso Karo à beça... não sou tão fã de mel assim... eu:: como mais com Karo... aí dá pra fazer... a receita de panqueca é mais ou menos parecida... só não leva fermento e você vai **na frigideira ali**... aí você pode rechear também de mil maneiras... (D&G - Regina - 23 anos - RP oral - RJ - século XX)

Em (05), quando o falante diz “*uns campinhos lá*” para se remeter a “*uns campinhos lá no Campo de São Bento*”, a distância gerada entre a construção SNLoc dêitica anafórica e a referência de lugar “*o Campo de São Bento*”, à qual a construção se refere, torna-se um contexto sintático e semântico favorecedor à ambiguidade e à neoanálise de sentido: o falante pode estar querendo dizer “*uns campinhos quaisquer*”, “*uns*

campinhos sobre os quais não importa detalhar”, não fazendo remissão a um lugar expresso anteriormente.

Em (06), o informante está ensinando ao entrevistador como se prepara uma panqueca, mas, por sabermos que ambos estavam em uma universidade no momento da entrevista, fica claro que os ingredientes e objetos a que eles se referem não estão presentes no momento da entrevista. Logo, os apontamentos feitos são virtuais, são da imaginação dos dois, tornando-se também um contexto favorecedor à ambiguidade. Ao falar “*a frigideira ali*”, o falante pode estar apontando para uma frigideira abstrata, como também pode estar se referindo a uma frigideira que faz parte da experiência de ambos, pois já estão participando juntos de toda a cena, de todo o *frame*<sup>6</sup>, segundo Goldberg (1995), e sobre essa frigideira não é necessário dizer mais nada, não é importante sua caracterização.

O sentido de “uns campinhos quaisquer” e “a frigideira que nós conhecemos e não nos importa maior detalhamento” são próprios ao uso de SNLoc atributivo, que é o padrão mais novo e abstratizado, resultado de uma trajetória de mudança. Por causa dessa constatação, consideramos os padrões dêitico anafórico e dêitico virtual estágios de ambiguidade de sentido e forma, contextos críticos de mudança.

Analisando, mais detalhadamente, os dois padrões, observamos que, ao atuar como dêixis anafórica, SNLoc recupera uma informação anterior para fornecer maior coesão ao texto. Ao se acentuar o mecanismo anafórico na retomada de fatias mais extensas de texto, há um distanciamento entre os dois constituintes – a referência anterior e a construção SNLoc dêitica anafórica; e tal distanciamento, aliado ao fato de esse arranjo ser uma combinação de Loc posposto a um SN, cria condições para que configurações como essas sejam neoanalisadas como um novo nó na língua, uma construção mais fixa de tipo lexical.

Em relação à dêixis virtual, padrão que também faz parte do contexto crítico de mudança, conforme vimos, é um apontamento que ocorre quando o falante leva o ouvinte para o domínio do que está ausente e pode ser lembrado. Ambos interagem sob o domínio da imaginação ou da memória e, para isso, usam os mesmos dêiticos de quando se pode ver e ouvir o

<sup>6</sup> Segundo Goldberg (1995), o sentido das construções fica disponível na memória, já que apresenta alguma relação com a semântica de *frames*, ou seja, com um tipo de semântica associado ao significado da construção. Esse termo refere-se a uma família de significados construídos coletivamente, pertencente ao conhecimento de mundo dos falantes.

que pode ser visto e ouvido na realidade, como ocorre na dêixis física. Assim, nessa dêixis virtual, a entidade apontada não está presente no momento da conversação, e os interlocutores devem imaginá-la como se ali estivesse para que haja sucesso no entendimento, conforme vimos anteriormente em (06).

Verificamos que há uma relação entre os dois padrões dos dois estágios de mudança mencionados. No contexto atípico, temos dois apontamentos concretos, um para algo real do espaço – dêitico físico – e outro de ordem textual para algo que se encontra em seguida à construção – dêitico catafórico. No contexto crítico, o estágio das ambiguidades, temos dois apontamentos abstratos, um para algo irreal, imaginário do espaço – dêitico virtual – e outro de ordem textual que retoma algo já mencionado e que se encontra já desvinculado da construção – dêitico anafórico.

Dessa forma, observamos que a construção SNLoc, ainda apresentando propriedades de suas categorias-fonte, se fixou inicialmente com funções dêiticas, algumas de sentido mais concreto, como a dêixis física e a catafórica, e outras de sentido mais abstrato, como a dêixis virtual e a anafórica. Nesse estágio II, de acordo com Traugott & Trousdale (2013), houve a atuação dos processos de *priming*, ou seja, os usos de SNLoc dêitica física e catafórica motivaram o recrutamento de SNLoc dêitica virtual e anafórica em situações particulares de uso; também houve a atuação da *inferência sugerida pragmática*, já que um tipo de implicatura surgiu no fluxo da conversação e possibilitou mudanças no sentido: o que no estágio I tinha um sentido mais concreto, começa a se abstratizar, neste estágio II, e as novas inferências levam à construção mais entrincheirada, ao novo nó.

Esses estágios, segundo Traugott & Trousdale (2013), configuram as mudanças construcionais; é o momento de “pré construcionalização”, que leva à construcionalização. Os contextos atípicos e críticos pelos quais SNLoc passa mostram uma sucessão de micropassos, ou seja, de neoanálises. Assim, SNLoc é neoanalisada quando os falantes começam a fazer associações entre os seus construtos<sup>7</sup>; através do pensamento analógico, tais falantes fazem novas combinações não previstas. A partir daí, via analogização, novos usos passam a ser licenciados, com a fixação de novos itens para o esquema.

<sup>7</sup> Para melhor compreensão sobre os níveis esquemáticos compostos por macro, meso, microconstruções e construtos, ver Traugott (2008), cuja referência se encontra ao final deste artigo.

Dessa forma, observamos que as mudanças construcionais autorizam e alimentam a construcionalização; abarcam expansão e semanticização pragmática, já que surge um novo sentido no contexto crítico de uso, o sentido de indefinição e imprecisão da construção. Além disso, tais mudanças envolvem incompatibilidade entre forma e sentido, pois o sentido parece não mais acompanhar o contexto típico da construção SNLoc. Quando tal incompatibilidade acontece, ou seja, quando o novo sentido para a forma SNLoc aparece, há uma sanção parcial, que passa a ser integral quando nasce o novo nó atributivo convencionalizado na rede, permitindo o sancionamento de várias outras microconstruções.

### 2.3. Contexto de isolamento

Conforme exposto, no contexto crítico, surgem ambiguidades estruturais e semânticas que convidam a várias interpretações alternativas, entre elas o novo significado gramatical, que é atestado e convencionalizado no último estágio de mudança, o estágio III. Observamos os usos dêiticos anafóricos e dêiticos virtuais de SNLoc como atuantes no contexto crítico, segundo Diewald (2002), pois são nesses padrões que tais ambiguidades surgem, além do início da ativação do *priming*, como também das inferências sugeridas, neoanálises e analogização.

No último estágio de mudança, o contexto de isolamento, o novo significado gramatical é isolado como um significado distinto do significado mais antigo. Esse fato se dá porque se desenvolvem novos contextos de uso que isolam ambas as leituras, ou melhor, surgem contextos linguísticos específicos que favorecem uma leitura para a exclusão da outra. Dessa forma, o novo sentido não é mais uma implicatura sugerida pragmaticamente, mas uma unidade independente da mais antiga. Reconhecemos, nesse estágio III, a construção **SNLoc atributiva**, em que o locativo da construção assume um uso clítico e atua de forma dependente do SN. Trata-se da criação de um novo membro da classe dos SNs do português. O sentido que o pronome locativo confere à construção já está bastante distanciado da ideia de lugar, e o recrutamento de SNs mais genéricos e indefinidos concorre com a semântica

de indefinição e imprecisão da construção. Como podemos atestar no exemplo (07), geralmente, não só a construção, mas o entorno para o qual SNLoc atributiva é recrutada é de imprecisão, daí tal recrutamento:

- (07) tinha também um:: **um troço lá**... que a gente subia... ele pulava... né? um:: uma/não sei se ele pulava ou andava [ahn] é um troço assim:: que a gente ficava... ele ficava assim... ele... aí... quando a gente sentava nele e botava um trocinho... assim apertava um botão... e ele fia/ ele ficava assim [ahn] ele num.../ eu acho que é aquele que tem no plaza... aquele que é difícil... (D&G - Luiz Eduardo - 7 anos - DL oral - Niterói - século XX)

Observamos em (07) que, ao dizer “*um troço lá*”, o falante não está apontando para algum objeto que está em algum lugar, mas, sim, está subjetivamente mostrando que ele não sabe, com definição, o que é o objeto do qual está falando. Tanto o SN *um troço*, que confere a semântica de imprecisão, de generalidade, quanto o pronome locativo *lá*, que sugere um maior distanciamento, pouca adesão ao que é falado, contribuem para o sentido desta instanciação da construção SNLoc atributiva. Por ser uma sequência de total indefinição do que é descrito, essa construção é recrutada e colabora com tal sentido.

Afastado do constituinte verbal e posposto ao SN *um troço*, o locativo *lá*, em (07), passa a escopar o SN, concorrendo para atribuir alguma especificação a este referente, na posição de determinante do SN, funcionando como seu atributo. Essa configuração de sentido e forma motiva a nomeação do novo esquema na língua de SNLoc atributivo.

Os locativos em função clítica na construção SNLoc atributiva, por estarem mais esvaziados de sentido espacial, unem-se ao SN a que sucedem como formas dependentes, em um construto unitário de sentido e forma. Segundo Paiva (2003, p. 133), “essa indissociabilidade é caracterizada pela ausência de pausa entre eles”.

Ao unirmos SN e Loc como uma construção, observamos que há, nessa união, uma grande aproximação dos subprincípios icônicos da proximidade e da ordenação linear<sup>8</sup>. Tal condição se

<sup>8</sup>Segundo o subprincípio da ordenação linear, a informação mais importante tenderá a ser colocada em primeiro lugar (isto é, antes, na fala; à esquerda, na escrita).

torna evidente quando percebemos que, se os falantes inserem os locativos sintaticamente próximos aos SNs, é porque, mentalmente, eles se encontram próximos, já que o grau de liberdade relativa na sintaxe é indício do grau de integração entre os componentes cognitivos desses constituintes sintáticos. De outra parte, em termos de ordenação linear, a colocação pós-SN faz com que os locativos passem a escopar esse constituinte nominal, numa função distante e distinta da prototípica adverbial.

Assim, ao se colocar o locativo após o SN, num tipo de configuração sintática fora do uso prototípico adverbial, de tendência pós-verbal, estabelecem-se condições que conduzem à neoanálise desse constituinte como forma dependente e mesmo integrante do SN, compondo com este um todo de sentido e forma. Segundo Braga e Paiva (2003), essa mudança linguística altera a localização das fronteiras dos constituintes e a sua referência. Nesse contexto, os locativos passam a compor um SN, codificando um sentido próprio já distanciado da semântica de lugar dos pronomes locativos.

Cumpre-se, então, a trajetória *advérbio* > *clítico* ou ainda *sintaxe* > *morfologia*. Essa trajetória é resultante de variados mecanismos, como apontamos, entre eles, de pressões metonímicas, relativas ao contexto de ordenação dos pronomes adverbiais locativos e sua consequente neoanálise como parte constitutiva do SN antecedente. Também é resultado de pressões metafóricas, referentes ao grau de abstratização do sentido do locativo no SNLoc, que, como clítico, passa a expressar um distanciamento subjetivo do falante em relação ao que transmite.

Assim, no uso clítico do pronome adverbial locativo, não se pode recuperar, efetivamente, seu papel dêitico ou fórico. O uso construcional mais entrincheirado de SNLoc atributiva é comum nas interações orais cotidianas, mas ainda não normatizado. Entretanto, não só encontramos SNLoc atributiva na modalidade oral, mas também na modalidade escrita, como observamos em (08) e (09):

- (08) Sempre me surpreendiam, as mãos de Castilhos. Em vez de previsíveis manoplas peludas, eram pequenas,

gordinhas, rosadas. Quando começava a odiá-lo, bastava olhar para elas. Perdoava tudo na hora. - Vômito, outro dia pintaram **uns garotos aí** com um grupo assim. Grupo não, banda. É assim que eles dizem agora. (CP - Santa Sofia - Angela Abreu - século XX)

- (09) Estava tão regalada a pensar na ceia que ia dar aos bichos que nem reparei no guarda, um lobazana grande, alto como um salgueiro. “ Eh, raparigal. “. Quando me voltei e dei com ele, estive para fugir. Mas depois fiquei, porque aquilo era erva e a perca não era nenhuma. “ Larga lá isso, anda “. E vou eu, pus-me a pedir-lhe: “ Deixe-me levar esta ervazinha para os meus coelhos “. -Deixaste-a toda.. - Pois não, cachopa. Aquilo era aveia. Vi-me enrascada. Mas tanta choradeira lhe fiz que **o homem lá** me deixou abalar. (CP - Fanga - Alves Redol - século XX)

Em (08), observamos que o usuário não sabe quem são os garotos que menciona. Ao dizer “*uns garotos aí*”, marca (inter) subjetivamente esse desconhecimento e seu distanciamento em relação a tais garotos. Em (09), o mesmo acontece ao instanciar “*o homem lá*”: o emissor marca a imprecisão com SNLoc atributiva, já que não conhece o homem com quem se encontrou e conversou. Conforme mencionado, encontramos SNLoc atributiva na modalidade escrita com os dois locativos destacados nos exemplos acima: *aí* e *lá*.

Os dados de SNLoc atributiva na modalidade escrita possibilitam que constatem sua construcionalização, segundo Traugott & Trousdale (2013), apesar de acreditarmos que seja muito recente em virtude de nossos poucos dados nessa modalidade.

Finalmente, como forma de analisar nossos dados quantitativamente, trazemos, a seguir, duas tabelas com os percentuais do total aproximados. A primeira, a Tabela 01, apresenta o levantamento geral de todos os padrões de SNLoc investigados, os usos dêiticos – físicos, catafóricos, anafóricos e virtuais – e clíticos nas sincronias passadas e a Tabela 02 representa tais usos na atual sincronia:

**Tabela 1.** Levantamento geral dos usos na modalidade escrita do *Corpus* do Português do século XIV a XIX

	Dêítico Físico	Dêítico catafórico	Dêítico anafórico	Dêítico virtual	Clítico	Total
LÁ	3	6	28	0	0	37 (2,90%)
AÍ	47	18	188	9	0	262 (20,53%)
ALI	5	86	433	7	0	531 (41,62%)
AQUI	158	59	97	132	0	446 (34,95)
<b>Total</b>	<b>213</b> (16,69%)	<b>169</b> (13,25%)	<b>746</b> (58,46%)	<b>148</b> (11,60 %)	<b>0</b>	<b>1276</b>

Fonte: elaboração própria

**Tabela 2.** Levantamento geral dos usos nas modalidades oral e escrita do *Corpus* D&G no século XX

	Dêítico Físico	Dêítico catafórico	Dêítico anafórico	Dêítico virtual	Clítico	Total
LÁ	1	123	250	6	107	487 (62,52%)
AÍ	17	4	9	9	27	66 (8,47%)
ALI	5	26	37	8	10	86 (11,04%)
AQUI	78	44	3	15	0	140 (17,97%)
<b>Total</b>	<b>101</b> (12,97%)	<b>197</b> (25,29%)	<b>299</b> (38,38%)	<b>38</b> (4,88%)	<b>144</b> (18,48%)	<b>779</b>

Fonte: elaboração própria

Conforme já mencionado, verificamos que o padrão clítico não foi encontrado em textos dos séculos passados, apenas nos da sincronia atual e com uma quantidade expressiva, se o compararmos aos demais usos, principalmente ao padrão dêítico físico. O fato confirma nossa hipótese de que o uso clítico seja um padrão novo, e o esquema de que ele faz parte, SNLoc atributivo, seja um novo nó na língua. Também se destaca que os usos de SNLoc como anafórico são os mais recrutados em todas as sincronias. De fato, fazemos retomadas anafóricas tanto em nossas produções orais quanto nas escritas, logo, explica-se tal quantitativo.

Outra constatação é quanto à frequência de *lá*, o locativo mais selecionado na maioria dos padrões da sincronia atual para compor a construção SNLoc, que teve escassa aparição em nossos dados nas sincronias passadas. O fato de contarmos apenas com textos escritos no *Corpus* do Português inviabiliza registros que são mais da modalidade falada, como os de *lá* e *aí*. Analisando de forma comparativa, os locativos menos recrutados diacronicamente são *lá* e *aí*; já *aqui* e *ali* são os mais selecionados. Os dois primeiros, por apresentarem mais marcas de subjetivação e abstratização de sentido, indicando maior indefinição e imprecisão, são mais relacionados com a fala, dos momentos de maior relaxamento; e os dois últimos, por serem mais pontuais e específicos, indicando usos mais concretos e menos subjetivos, são mais recrutados para a escrita, em que a precisão é necessária. Dessa forma, nossos resultados sobre esse locativo mostram uma realidade que deve ser relativizada, por isso, não podemos afirmar que *lá*, o locativo prototípico e mais frequente na instanciação da SNLoc atributiva, não era usado com tanta frequência quantos os demais, diacronicamente.

Esse locativo *lá* confere maior indefinição e descomprometimento em relação ao sentido articulado pelo SN. Tal observação sobre o *lá* encontra respaldo no parâmetro de *granulidade*, proposto por Batoréo (2000) para a pesquisa da articulação da referência espacial no uso linguístico. Esse termo, advindo da Inteligência Artificial, permite-nos dar conta de um interessante aspecto da referência dos locativos, uma vez que distingue dois grandes subsistemas de regiões-de-vizinhança dos conjuntos: vasta e fina/estreita. Segundo a autora, entre os quatro locativos do português contemporâneo brasileiro, *lá* é o único que possui granulidade vasta, que é a marca da imprecisão e indefinição situacional. Por outro lado, *aqui*, *ali* e *aí* participam do subsistema de granulidade fina ou estreita, que articula a referência de lugar com maior pontualidade e precisão. Assim, em termos semânticos, *lá* indica maior distanciamento e difusão; em termos estruturais, *lá* é monossilábico, uma forma gramatical leve e pouco saliente, daí seu maior recrutamento para a construção SNLoc atributiva em uso recorrente no português contemporâneo e nosso objeto de estudo.

### 3. Considerações Finais

Neste artigo, de forma breve, acompanhamos a trajetória de SNLoc através dos estágios de mudança de Diewald (2002). Baseados nas premissas da LFCU, observamos que, com o uso frequente do Locativo posposto ao SN, em uma configuração sintático-semântica nova, diferente da já arrolada pelas GTs – em que o pronome adverbial modifica um verbo, um adjetivo, um advérbio ou uma oração inteira – forma-se um *chunk*. Tal configuração conduz à neoanálise como uma construção, com suas propriedades e motivações específicas de uso.

Entretanto, esse primeiro esquema criado na língua conta com usos mais básicos e primários de SNLoc, como os padrões dêiticos. Na dêixis, verificam-se usos mais concretos, como os padrões físicos e os catafóricos, os quais fazem parte de um contexto atípico, já que se trata de um uso ainda não previsto que emerge. Contudo, há nessa perspectiva, os usos anafóricos e os virtuais que trazem ambiguidades de sentido e forma, e, por isso, configuram o contexto crítico de mudança. Esse contexto é um estágio necessário para a mudança em SNLoc, pois leva a inferências de sentido, *priming*, neoanálise, analogização, fundamentais à emergência de construções com um novo uso.

Nesse novo esquema que configura o contexto de isolamento, a semântica de lugar dos pronomes adverbiais locativos já não se faz mais tão evidente e não há também a atuação desses locativos como um argumento do verbo: tem-se, nessa construção, um uso clítico do pronome adverbial locativo dependente do SN anterior. Surge, então, no português contemporâneo, a construção SNLoc atributiva, sobre a qual nos debruçamos nesta pesquisa.

Consideramos que o presente estudo abre caminho promissor para novos trabalhos no contexto da construcionalização lexical em português. Compreendemos que a pesquisa em *lexicalização* ainda tem muitos campos a explorar, mas o viés da construcionalização lexical, de forma particular, contribuiu significativamente para a nossa análise, servindo-nos de forte base teórica.

Apesar de as discussões do presente trabalho não se encontrarem encerradas, acreditamos que em muito contribuímos para a descrição e investigação dos pronomes

adverbiais locativos em uma posição não referendada nas gramáticas tradicionais: posposta a um SN.

Além de colaborarmos para as análises linguísticas, esperamos que nossa pesquisa possa ter aplicações pedagógicas nas atividades referentes ao ensino da língua materna no Brasil. Depreendemos que, se aliarmos esse ensino à realidade experienciada pelos falantes com a língua nas interações cotidianas, o estudo de língua portuguesa torna-se mais significativo, e, dentro deste estudo, fariam parte inúmeros usos considerados marginais, como as instanciações da construção SNLoc atributiva, tão recorrentes no cotidiano entre os usuários, mas não explorados em sala de aula de nível Fundamental e Médio.

## REFERÊNCIAS

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BRAGA, M. L. e PAIVA, M. da C. *Do advérbio ao clítico é isso aí*. In: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

BÜHLER, K. *The Theory of Language: The Representational Function of Language (Sprachtheorie)*. Translated by Donald Fraser Goodwin. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 1934/1990.

BYBEE J. L. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. *Language* 82. 2006.

\_\_\_\_\_. *Chunking and degrees of autonomy*. In: *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.

\_\_\_\_\_. *Usage-based theory and exemplar representations of constructions*. In Trousdale & Hoffmann (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar. Syntactic Theory in Typological Perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. *A model for relevant types of contexts in grammaticalization*. In: *New reflections on grammaticalization*, ed. by Ilse Wischer and Gabriele Diewald. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions: A new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences* 7, 2003.

LANGACKER, R. W. *Syntactic reanalysis*. In *mechanisms of Syntactic Change*, Charles N. Li (ed.). Austin: University of Texas Press, 1977.

PAIVA, M. da C. de. *Proformas adverbiais e encadeamento dêitico*. In: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English*. IN: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard and VEENSTRA, Tonjes (eds.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2008.

\_\_\_\_\_. *The status of onset contexts in analysis of micro-changes*, in Merja Kytö, ed., *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, 2012.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

CORPUS DISCURSO & GRAMÁTICA. Disponível em: [www.discursogramatica.lettras.ufrj.br/](http://www.discursogramatica.lettras.ufrj.br/)

CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>

## Abstract

### The contexts of change in attributive SNLoc: a study of lexical constructionalization in portuguese

*Based on Usage-Based Functional Linguistics, we aim to study the SNLoc attributive construction in use in contemporary Portuguese, resulting from the strong integration of its subparts - SN and locative adverbial pronoun. In a panchronic perspective, it is taken as basis the Corpus of Portuguese, for analyzing past sync, and the Corpus Discurso & Gramática, to investigate the uses of the twentieth century. Through these corpora, we carried out a primarily qualitative study and proved the hypothesis that SNLoc attributive is a marginal member of the class of Portuguese names, resulting from lexical constructionalization. The linguistic change that results such scheme starts in untypical contexts, in deictic uses more references, such as physical deictic (“when I was three years old ... I fell ... so there is even **the scar here...**”) and cataphoric deictic (“I plan to do **another course there at the university**”). Through anaphoric deictic uses (“there is a nice passageway from the kitchen to the living room ... with a small balcony ... that we will make **a bar there**”) and virtual deictic (“put the oil ... so on ... put the chicken ... then let **the chicken there...**”), which constitute critical contexts, with ambiguities of meaning and form, it reaches to the SNLoc attributive construction, in an isolating context. There are cases like: “then started running ... running ... running and the man behind him ... then ... then he took **a girl there** totally crazy ... “ A new constructional scheme of language is formed, in the lexical level, assuming a meaning of vagueness and uncertainty, distinct from its original meaning.*

**Keywords:** SNLoc, Attributive Construction. Lexical Constructionalization. Contexts of Change. Usage-Based Linguistics.